



Projeto Temático Letramento do Professor

www.letramento.iel.unicamp.br

Os mundos de letramento do professor em formação: caminhos para ressignificar o ensino da escrita em língua materna.

Glícia Azevedo TINOCO (Doutoranda em LA/IEL/Unicamp).

O debate sobre a ressignificação do ensino de linguagem escrita nas escolas brasileiras tem-nos motivado a observar duas questões centrais. A primeira diz respeito a “como”, na formação de professores de língua materna, o trabalho com a escrita é desenvolvido; a segunda refere-se a que mobilizações os professores em formação fazem de sua experiência como graduandos para sua atuação profissional em sala de aula, enquanto profissionais responsáveis, por excelência, pela condução do processo de ensino-aprendizagem da escrita.

Em torno dessas questões, é inegável a influência de diferentes iniciativas de várias instituições relacionadas à educação brasileira no desenvolvimento do trabalho docente nos diversos níveis de ensino. Dessas iniciativas, salientamos algumas que estiveram em maior ebulição nas décadas de 80 e 90, as quais a nosso ver vêm provocando uma profícua e atual reflexão sobre o ensino de língua materna, quais sejam:

* divulgação de pesquisas acadêmicas

No âmbito universitário brasileiro, diversas pesquisas na área da linguagem foram transformadas em publicações que, por diferentes vias, chegaram às mãos de muitos professores em formação e/ou em serviço em todo o país, das quais ressaltamos as relacionadas ao ensino de leitura (por exemplo, KLEIMAN, 1989a, 1989b, 1993) e as voltadas para a produção textual (OSAKABE, 1979; GERALDI, 1984; KATO, 1986); as pesquisas na área da Linguística Textual também tiveram, nesse período, um relevante destaque (MARCUSCHI, 1983; KOCH e FÁVERO, 1983; KOCH, 1989; KOCH e TRAVAGLIA, 1989), bem como as pesquisas sobre letramento (TFOUNI, 1988 e 1995; KLEIMAN, 1995; ROJO, 1998; SOARES, [1998], 2001);

* disponibilização de acervos bibliográficos

No âmbito do Ministério da Educação, a partir de 1988, tem havido a remessa de livros a professores e alunos, através do Programa Nacional Sala de Aula (PNSL/1988), do Programa Nacional Biblioteca do Professor (PNBP) e, mais recentemente, por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), são distribuídos acervos ora com foco na biblioteca escolar, caso do PNBE (1998, 1999 e 2000), ora no aluno, PNBE (2001, 2002 e 2003).

* alterações nos livros didáticos

A partir do Programa Nacional Livro Didático (PNLD), houve uma série de significativas mudanças teórico-metodológicas nos livros didáticos utilizados nas escolas brasileiras, o que, conseqüentemente, trouxe alterações para a rotina do professor em sala de aula, uma vez que a ênfase gramatical passa a ser paulatinamente substituída por outros objetos de ensino mais condizentes com as demandas atuais como, por exemplo, o ensino de gêneros discursivos.

* modificações na legislação

Ao estabelecer as diretrizes nacionais da educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) regulamenta a formação em nível superior para docentes que atuam na educação básica (artigo 62), inclusive na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, estabelecendo (no artigo 87, parágrafo 4º) o prazo máximo para cumprimento dessa determinação: o ano de 2006. Essa determinação aprazada desencadeou, em todo o país, um amplo projeto de formação de professores. Salientamos ainda um outro dado importante dessa LDB que foi a determinação de um mínimo de 300 horas de prática de ensino na formação docente, o que implicou a reestruturação das licenciaturas no sentido de favorecer a aproximação entre os referenciais teóricos do currículo e as atividades profissionais em sala de aula.

* lançamento de diretrizes nacionais para o currículo

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN, 1997) ratificam todo o percurso iniciado na década de 80 de substituição do enfoque da língua como código e da aprendizagem da língua como decorrente de exercícios de análise de seus diferentes níveis (fonológico, morfológico e sintático, basicamente) para o enfoque da língua como um *sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade* (PCN, 1997, p.22) e da aprendizagem da língua como um processo abrangente de uso da língua e de análise de seus significados sócio-culturais, a partir dos quais as pessoas entendem e representam a realidade e a si mesmas.

Mediante o levantamento de algumas forças que atingem a formação de professores e a prática pedagógica nos diversos níveis de ensino, é possível compreender que, em meio ao avanço das discussões em torno de o que significa ensinar língua materna, diferentes paradigmas entram em ferrenha disputa (alguns são substituídos parcial ou totalmente, outros se fortalecem), metodologias de trabalho são repensadas, o que era cristalizado passa a ser redimensionado, haja vista não mais responder a determinadas demandas. Conseqüentemente, um novo quebra-cabeça teórico-metodológico se configura (KUHN [1962, 1970], 2003). De fato, as salas de aula ao mesmo tempo em que estão sujeitas a todas essas pressões agem sobre a

confluência de forças entre a ciência, a formação acadêmica, as leis e as iniciativas governamentais, embora não possamos pensar em um movimento de transposição linear nem concomitante.

Nesse sentido, partindo do pressuposto de que toda atividade humana é performativa¹ (e, portanto, assim o são os trabalhos no âmbito científico, legislativo, executivo e docente), nesta pesquisa, enfocaremos uma peça central do poderoso jogo discursivo que viabiliza cada uma dessas atividades (e todas elas juntas): a linguagem e, mais especificamente, tentaremos demonstrar a influência que os mundos de letramento (BARTON, 1993) do professor em formação pode desencadear no processo de ressignificação do ensino de linguagem escrita.

Aportes teórico-metodológicos

Nossa pesquisa, de base qualitativa e de vertente etnográfica, se insere no campo de investigação da Lingüística Aplicada, ciência que, nos últimos trinta anos, muitas contribuições tem oferecido, principalmente, nas áreas de ensino-aprendizagem de línguas (materna e estrangeira) e de tradução. A partir da década de 90, a Lingüística Aplicada também vem investindo na área de educação bi e multilíngüe e na de formação de professores, esta, até então, linha de pesquisa quase que exclusiva da Educação.

Embora mais recentes, as investigações acadêmicas que tematizam a formação de professores realizadas (ou em desenvolvimento) na Lingüística Aplicada contribuem sobremaneira para que possamos repensar o ensino de línguas, razão por que identificamos esta pesquisa-ação no grupo das que se voltam para os letramentos do professor em formação e em serviço, com vistas a compreender a influência desses letramentos na operacionalização de aulas de escrita em língua materna que não se enquadrem no mero exercício de escrita viabilizado, por exemplo, pela redação, gênero exclusivamente escolar.

Do ponto de vista metodológico, enquadramos este trabalho como uma pesquisa-ação ancorada nos pressupostos da Etnografia Crítica (THOMAS, 1993; LEAL, 2002), cuja preocupação central é compreender (não apenas descrever) a cultura de um grupo com vistas a levantar questionamentos e suscitar reflexões que possam subsidiá-lo a ressignificar práticas (no nosso caso, práticas pedagógicas em torno do ensino da escrita). Isso implica dizer que a etnografia crítica tem objetivos emancipatórios e fortalecedores. Também buscamos respaldo na epistemologia da prática à práxis, que defende a construção do conhecimento pelos professores a partir da análise crítica de seu fazer em sala de aula (GIROUX, 1997; MCLAREN, 1988 e 1997) e nas idéias da pedagogia crítica (FREIRE, 1975).

Contextualização da pesquisa

A geração dos dados desta pesquisa foi realizada em um curso de formação inicial em Letras, desenvolvido em Nova Cruz, município-pólo que agrega

¹ Com isso queremos dizer que o trabalho científico e o docente não têm uma função puramente descritiva ou constativa (nas palavras de AUSTIN ([1962, 1975] 1990). Na verdade, toda e qualquer atividade humana é decorrente de construções humanas não neutras que implicam respostas a problemas compartilhados por um grupo em um momento histórico definido, vistos sob um ângulo também compartilhado que visa atingir a metas bem definidas (embora para alguns não explícitas). Tudo isso acaba por determinar uma forma de agir sobre o mundo e, obviamente, sobre as pessoas.

professorandos de outras cidades da região agreste do Rio Grande do Norte. Esse curso, que se destina à formação de professores sem formação específica, mas no efetivo exercício da docência na educação básica pública, é componente do Programa de Qualificação Profissional para a Educação Básica (PROBÁSICA), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Tendo em vista que, na formação de professores e em todo o discurso escolar, alguns conceitos de letramento vêm sendo discutidos e, conseqüentemente, tentativas de redirecionamento do trabalho com a produção de textos escritos em língua materna estão em curso, nossa pesquisa busca contribuir no processo de articulação entre a teoria discutida no curso de formação (estudos de letramento) e a prática desenvolvida, em sala de aula, em torno de textos escritos.

Assim sendo, nossa atuação como formadora, durante o 1º semestre de 2005, na disciplina Estágio Supervisionado I, se concentrou em envolver os graduandos em projetos temáticos que teriam, como atividade de culminância, o encaminhamento de relatório para o Concurso Nacional Tesouros do Brasil 2005, que se destina à valorização do patrimônio histórico, natural, artístico e afetivo brasileiro.

Cada grupo de professorandos (juntamente com seus alunos) pesquisou um patrimônio que caracterizasse sua cidade. A partir daí, vários eventos de letramento foram realizados.

Para ver os releases de alguns dos projetos desenvolvidos, clique no link abaixo:

http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/pesquisas/letramento_dos_professores_GliciaTinoco/anexo.pdf

Os conceitos basilares que subsidiaram a ação dos professores foram: letramento, práticas e eventos de letramento. Entretanto, tais conceitos trazem à tona inevitavelmente as noções de gênero discursivo, texto, leitura e escrita, que precisam ser redimensionadas para o desenvolvimento de um trabalho de ressignificação da escrita, conforme proposto no desenvolvimento dos projetos.

Com vistas a focalizar o processo de construção e reflexão do conceito de letramento, bem como as possíveis implicações desse conceito na prática pedagógica, diferentes instrumentos estão sendo analisados: memória de leitura e escrita (produzidas pelos professores em formação), gravação de aulas (no curso de formação e nas salas em que esses professorandos atuam), questionários e projetos desenvolvidos, entre outros.

Na etapa em que nossa pesquisa se encontra, várias questões ainda estão em aberto, mas alguns pontos emergem dos dados com força e merecem ser analisados: o primeiro é a possibilidade de que uma forma exitosa de encontrar sentido para o ensino de escrita seja procurar razões fora da sala de aula para que os alunos leiam, escrevam e desenvolvam sua oralidade a partir de práticas sociais por eles vivenciadas; o segundo se refere ao estabelecimento de relações de diálogo e de fortalecimento entre universidade, professores de ensino fundamental e médio, alunos e a comunidade em que essa coletividade esteja inserida, ou seja, considerar o outro e trabalhar com (e não para) ele pode nos fazer perceber as chaves que viabilizariam brechas alternativas na configuração de uma nova formação de professores, de uma melhor prática pedagógica, que responda aos anseios do tempo em que vivemos, quais sejam: um ensino de língua que considere as variações, os usos e as funções sociais da leitura, da escrita e da oralidade.

Certamente toda essa mobilização de saberes pode oferecer subsídios concretos

para a melhoria da qualidade do trabalho de docentes que realmente estejam comprometidos com as camadas populares e com a luta contra as desigualdades sociais, empreendimento para o qual acreditamos ser a linguagem escrita um instrumento de significativo poder.

Referências bibliográficas

- AUSTIN, J. L. ([1962] 1975). **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Trad. Danilo M. de S. Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARTON; HAMILTON, M. et al. **Worlds of literacy**. Clevedon: Multilingual Matters, 1993.
- FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GERALDI, João W. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. São Paulo: Ática, 1984.
- GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KATO, M. **No mundo da escrita**. Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas/SP: Pontes, 1989a.
- _____. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas/SP: Pontes, 1989b.
- _____. **Oficina de leitura**. Campinas/SP: Pontes, 1993.
- KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- KOCH, I; FÁVERO, L. L. **Linguística textual: uma introdução**. São Paulo: Cortez, 1983. (Série gramática portuguesa na pesquisa e no ensino; 9).
- KOCH, I. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989. (Repensando a Língua Portuguesa).
- KOCH, I; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989. (Biblioteca da Educação – Série 5 – Estudos de linguagem:4).
- KUHN, T. S. [1962, 1970]. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- LEAL, M.C.D. Questões de ética e fortalecimento na etnografia crítica. In: SILVA, D.E.; VIEIRA, J. (Org.). **Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos**. Brasília: UnB; Oficina Editoria do Instituto de Letras; Plano, 2002. p. 165 –186.
- MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Letras e Linguística. 1983. (Série Debates 1).
- McLAREN, P. Culture or canon? Critical pedagogy and the politics of literacy. **Harvard Educational Review**, v. 58, n. 2, p. 213-234, maio, 1988.
- _____. **A vida nas escolas: uma introdução à Pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- OSAKABE, Haquira. Argumentação e discurso político. São Paulo: Kairos Livraria, 1979.**
- ROJO, R. H. R. (org.). **Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental**. Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF, 1997.
- SOARES, M. ([1998]). **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. 3.reimpr, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas/SP: Pontes,

1988. (Coleção Linguagem Perspectivas).

_____. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões da nossa época; v. 47).

THOMAS, J. **Doing critical ethnography**. Newbury Park: Sage Publications, 1993.